

É proibido proibir?

A tão mencionada *crise de autoridade* – verdadeiro novo sintoma de civilização – apresenta uma relação direta com a *crise da função paterna* a se instituir no prolongamento dos movimentos feministas que possibilitaram mudança de *status* das mulheres na sociedade, principalmente por causa de seu efetivo ingresso no mercado de trabalho, por volta da década de 60. Neste momento da História, a *palavra do pai* – a qual, por sua função interditora, enquadra e impõe limites ao desejo da criança – perdia seu poder. A tal ponto que os movimentos político-sociais da época anunciavam claramente a nova era : « Il est interdit d’interdire », entoavam os estudantes pelas ruas de Paris em Maio de 68; « É proibido proibir », cantava Caetano Veloso no mesmo ano no Brasil.

Primeira Aula: A sociedade patriarcal que dominou até meados do século XX apesar de criticada pelos excessos de repressão garantia a transmissão de uma dimensão de autoridade.

Passamos de uma civilização sofrendo, segundo Freud, de problemas causados pelo *excesso de renúncia ao prazer* imposto pela sociedade, a uma civilização a sofrer do problema contrário, da falha na transmissão da autoridade, dando origem aos sujeitos “desbussolados” de nossos tempos, marcados por um afã de uma satisfação incessante, sem limites.

Segunda Aula: A diferença entre esses dois momentos da sociedade se faz sentir pela forma como o superego - instância postulada por Freud como a responsável por *transmitir valores*, aquela pequena voz interna que diz « não, isso não... » - passou a ser veiculado pelos pais, homens e mulheres inseridos no contexto contemporâneo de busca da felicidade e de realização amorosa: “Quero que meu filho/minha filha seja livre e feliz”. Só que a criança – futuro adulto – não pode “ser livre e feliz” sem a marca estruturante de uma autoridade reguladora de suas pulsões desordenadas.

Terceira Aula: Como os pais podem dizer « não » o *suficiente* para permitir a instauração da « lei simbólica » que regula e humaniza as pulsões no psiquismo da criança – sem perderem a proximidade pais-filhos que a época tanto advoga e enaltece? Como obter o meio termo – entre o pai que só proíbe (como o Pastor do filme *A fita branca* de Mickael Haneke, 2010) e a Mãe que tudo permite (como no filme *Mummy* de Xavier Dolan, 2014)?